



JUIZO DE MENORES
DE
SÃO JOSÉ DO RIO PRETO

Carteira de Identidade

N.º -351-

WILLIAM JOSE GUAGLI

Nome
ARDI

Benedito Guagliardi

Pai
Walkiria Zaccarias



S.J.do R.P.

=SP=

Naturalidade

3/9/1943

Data do Nasc.

William José Guagliardi

WILLIAM JOSÉ GUAGLIARDI...
ao folhear as páginas já amarelecidas
do Diário da Tarde, jornal de São José do Rio
Preto, na época dirigido pelo ilustre escritor
e jornalista Nivaldo Carrazzone,
mal sopitávamos a emoção de desdobrar
na mente as cenas da tragédia que tanto
marcou a comunidade Riopretense.

Muita inquietação, sofrimento
e saudade, mas acompanhados por altas
demonstrações de solidariedade, respeito
e fraternidade que certamente mais
assinalaram a dignidade comunitária

no contexto das provas coletivas que compõem o livro das tribulações mais agudas da Humanidade. Na tragédia do Rio Turvo, ocorrida no dia 24 de agosto de 1960, Rio Preto mais se engrandeceu ante os olhos de toda a Nação que acompanhou as horas difíceis em que a cidade se fundiu num único e grandioso ser, integralmente dedicado ao socorro dos jovens que mergulharam nas águas do rio, então transformado na porta de passagem para 59 adolescentes alcançarem a vida imperecível...

17 anos incompletos! Aquela tarde era particularmente importante para WILLIAM; passara o dia todo ajudando o pai no Empório, aguardando com entusiasmo a viagem que empreenderia com os colegas da Escola Técnica de Comércio D. Pedro II, no início da noite.

Pouco antes das 19 horas, horário marcado para a saída dos ônibus que conduziram os jovens da fanfarra do Grêmio Literário da referida escola até Barretos, para participarem das comemorações de seu aniversário de fundação, do portão da casa, os

familiares acompanharam William até que dobrasse a esquina, na longa despedida em que os adeuses reuniram pela vez última o dedicado filho e seus pais e irmãos.

Logo depois, um dos ônibus, que transportavam os jovens, mergulhou nas águas, provocando a morte de quase todos os seus ocupantes.

Do lamentável acidente ocorrido nas primeiras horas da noite de 24 de agosto de 1960, muito se falou e escreveu. São José do Rio Preto ficou por anos a fio mergulhada em atmosfera de angústia; as horas aflitivas da noite a dentro, em que abnegadas criaturas se desdobravam no içamento do ônibus e socorro das vítimas, como que se prolongaram indefinidamente, na vizível amargura dos pais, irmãos e de toda a cidade, enfim, ante a perda dos promissores rapazes.

Contudo, a Misericórdia Divina foi plantando nos corações feridos dos familiares dos 59 jovens, novas flores de esperança e reconforto, reanimando-os para a vida, na íntima convicção de que seus filhos não morreram. Tão bons, na sua gárrula mocidade, apenas alçaram vôos

maiores, em direção às Paragens Celestiais, cujo ambiente, sem dúvida, enriqueceram ao som dos bumbos, caixas, repiques e cornetas, com o mesmo brilho da participação da famosa fanfarra dos alunos do Grêmio Literário da Escola Técnica de Comércio D. Pedro II, nos dias festivos de Rio Preto.

Para os pais de WILLIAM JOSÉ GUAGLIARDI, o socorro chegou sob a forma de consoladora mensagem mediúnica em que William colocou muita paz sobre a infeliz ocorrência, desdobrando novos ângulos do triste acidente, envolvendo-o, sem dúvida, com a bênção do reconforto e do esclarecimento que os ensinamentos de Jesus encerram.

Alguma coisa sobre William

WILLIAM JOSÉ GUAGLIARDI
nasceu em São José do Rio Preto no dia 3

de setembro de 1943, vindo a falecer a 24 de agosto de 1960.

Filho de Benedito Guagliardi e de Walkyria Zaccarias Guagliardi, deixou três irmãos: Marleine Guagliardi Seraphim, Benny Guagliardi e Osmir Guagliardi. Cursava o 2º ano Técnico de Contabilidade, quando faleceu.

Jovem amoroso, cultivava como os pais, a religião espírita.

A respeito da mensagem de WILLIAM, recebida por Chico Xavier, dois meses e meio após a morte do jovem, assim se expressou sua mãe, D. Walkyria:

"Graças a Deus a mensagem do William trouxe-nos a mim, a meu marido e aos outros filhos, bastante conforto, pois se não tivesse ido ao Chico, creio que teria ficado louca, pois nada me consolava."

Diz, ainda D. Walkyria, que não conhecia o Chico. Esteve em Uberaba pela vez primeira, quando da psicografia do comunicado.

Alguns outros aspectos surpreendentes do recado que apresentamos a seguir, observaremos posteriormente.

*Mensagem obtida, através
de Francisco Cândido
Xavier, na noite de
14.11.1960, em Uberaba -
Minas.*

Querida Mamãe, peço ao seu carinho
me abençoe.

Estou presente, rogando à senhora
que me ajude com a sua paciência. Tenho
sofrido mais com as lágrimas da senhora
do que mesmo com a libertação do corpo...
Isso Mamãe, porque a sua dor me prende
à recordação de tudo o que sucedeu
e quando a senhora começa a perguntar
como teria sido o desastre, no silêncio
do seu desespero, sinto-me de novo
na asfixia.

Tenhamos calma e resignação. O que passou foi a Lei a cumprir-se. Pode crer que nossas reuniões e preces funcionaram. Quando vi que nós todos afundávamos no rio sem esperança na terra, apareceu em mim a esperança da grande vida e entreguei-me à vontade de Deus, conformado. Notei que companheiros me agarravam como a me pedirem socorro para voltar à tona, no entanto, Mamãe, embora não pudesse falar, eu pensava... Pensava que Deus não dá pedras aos seus filhos que pedem pão, que a Providência Divina só faz o bem... Recordei as conversações do Papai e o carinho da senhora e fiz no fundo da alma, a prece derradeira no corpo... Não havia tempo para chorar. Senti-me sufocado, mas pouco a pouco, notei que mãos amigas me davam passes, de leve, e dormi.

Não tenho noção do acidente, como desejaria, mas estou informado de que saberei tudo quando estiver mais sereno. Asseguro, porém, que ninguém teve culpa; nem nosso motorista amigo, nem nosso Genésio (1). Mamãe, nada fizeram que

pudesse provocar a situação.

Foi a dívida do passado que surgiu na máquina em movimento. Mais tarde conversaremos nisso. Ainda tenho a cabeça dolorida e só venho até aqui, trazido pelo senhor Schutel (2) que me acolheu para rogar à senhora calma e oração.

Pelo amor de Deus, Mãezinha, não chore mais e nem pense que será melhor morrer para encontrar-nos. Estaremos juntos no serviço da nossa fé. É preciso reconhecer isso. Osmir, Benny e Marleine (3) ao lado do papai precisam muito de seu carinho na Terra. E não estarei longe.

Tudo que a senhora puder fazer para auxiliar os meninos necessitados, faça com amor e devotamento. Ajude, Mamãe, a compreensão de todos os nossos amigos em Rio Preto. Se eu puder pedir alguma coisa, rogo para que nosso motorista seja desculpado. Tenho visto alguns dos meus companheiros e todos os que tenho visto rogam a mesma coisa. Vamos todos orar pedindo a Deus compreensão e coragem. Senhor Schutel, Vovó Mariquinha,

e D. Mariquinha Perche (4) estão me ajudando, pois ainda estou assim como um doente precisando recuperar-se. Estou bem, somente aflito com a sua aflição. Peço à senhora agradecer às nossas bondosas amigas, D. Clementina Carlito e Tia Dulce Zaccarias (5) as orações com que tanto me confortaram.

Hoje não posso escrever mais. Senhor Schutel pede para eu encerrar esta carta que ele me auxiliou a escrever. Para a senhora, Mamãe, para o querido Papai e todos os nossos o coração carinhoso e reconhecido do seu filho que lhe pede paz e confiança em Deus.

William José Guagliardi

Esclarecimentos sobre as notícias psicografadas 80 dias após o falecimento de William José Guagliardi



Houve, na época, críticas ao motorista, Yoshiyuki Hayashi, que sobreviveu ao acidente, e ao organizador da viagem, Genésio

Fabrini, Presidente do Grêmio Literário e Esportivo D. Pedro II, entidade que congregava os alunos da Escola Técnica de Comércio Pedro II e à qual se achava vinculada a distinta fanfarra que em dois ônibus viajava naquela noite de 24 de agosto de 1960 para Barretos. Genésio faleceu no acidente.

2

Schutel - Cairbar Schutel, conceituado espírita, falecido no início do século. Atuou particularmente na região da Araraquarense, tendo fixado residência em Matão, onde fundou a Revista Internacional do Espiritismo.

3

Irmãos de William.

4

Vovó Mariquinha e D. Mariquinha Perche - Esta, abnegada senhora que residiu em Matão, conhecida nos meios espíritas. Aquela, avó materna do William, já falecida.

Curioso, como lembraria da avó do William, e de seu apelido afetivo, e como saberia estar ela desencarnada, se nem os pais e irmãos do próprio jovem, Chico conhecia? É a pergunta que se impõe, para melhor compreendermos a clareza e a autenticidade do intercâmbio mediúnico.

5

D. Clementina Carlito e Tia Dulce Zaccarias - Também nomes desconhecidos do médium, como aliás era a própria família Guagliardi. D. Clementina Carlito era à época uma senhora enferma que D. Walkyria, mãe do William,

socorria semanalmente. Dulce Zaccarias, tia materna, era muito ligada ao jovem desencarnado. De fato, ambas as senhoras fizeram muitas preces por William, como se vê na comunicação. Podemos entender por essa passagem simples, mas repleta de revelações, o porquê dos Espíritos enfatizarem o valor da prece, como ponto de ligação entre os dois planos de vida.

Finalmente, para que o leitor sinta melhor a autenticidade desta mensagem de William, vamos lembrar que sua mãe, D. Walkyria, não conhecia Chico Xavier e sequer o cumprimentou antes do recebimento das palavras do filho, pois o Centro onde na época atuava o querido médium, estava, como sempre, repleto. Destacamos na carta psicografada a citação de nomes do total desconhecimento do Chico, como Vovó Mariquinha, Osmir, Benny (assim mesmo, com dois N e Y!!!), Marleine,

D. Clementina Carlito e D. Dulce Zaccarias.

Ao leitor, deixamos as conclusões...